

Orquidário



Volume 8, nº 4
outubro a dezembro de 1994

OrquidaRIO - Orquidófilos Associados do Rio de Janeiro, S.C.

DIRETORIA - BIÊNIO 1994/96:

Presidente: Hans O. J. Frank.

Vice-Presidente: Leda Marques Teixeira.

Diretor da Área Técnica: Carlos A. A. de Gouveia.

Diretor da Área de Relações Comunitárias: Yvan Lassance de Oliveira.

Diretor da Área Administrativo-Financeira: Nilson M. Moneró.

Presidentes Anteriores:

1. Edward G. Kilpatrick, 1986/1987;

2. Álvaro Pessoa, 1987/1990;

3. Raimundo A. E. Mesquita, 1990/1994.

Conselho Deliberativo, 1994/96:

Presidente: Paulo Dámaso Peres

Membros: Maria Lúcia de Alvarenga Peixoto, José Luiz C. Rodrigues, Gustavo C. Coimbra e Hélio Maurício Bittencourt.

Revista Orquidário

Comissão Editorial: Álvaro Pessoa, Carlos A. A. de Gouveia, Carlos Eduardo de Britto Pereira, Roberto Agnes e Waldemar Scheliga.

Editor: Raimundo A. E. Mesquita

A Revista circula, trimestralmente, com publicação nos meses de março, junho, setembro e dezembro e é distribuída, gratuitamente, aos Associados da OrquidaRIO.

Deseja-se permuta com publicações afins.

Artigos e contribuições devem ser dirigidos à Comissão Editorial e devem vir datilografados, em uma só face do papel, em espaço duplo, em papel A-4, ou compostos em computador, usando um dos seguintes processadores de texto: Page Maker, Ami Pro, Word, Carta Certa, ou outro compatível com Windows, ou, ainda, Windows Write e DOS-Editor. Podem os autores remeter o disquete em que composto o texto, mas sempre acompanhado de uma cópia impressa. Aceitos serão publicados em um dos números de Orquidário. Os rejeitados serão devolvidos ao autor, desde que tenha fornecido o endereço e remetido os selos para remessa postal.

Fotografias devem conter indicação do motivo da foto e a identificação do fotógrafo. Quando em preto e branco ou cromos, devem vir acompanhadas de negativos. Para fotos a cores Orquidário dá preferência a "slides", podendo os autores remeter o fotolito já preparado para publicação. Para remessa dos fotolitos combinar, antes, com R. Mesquita - Tel. (+55)(021)233-2314, para ajuste de especificações e tamanho.

Propaganda e matéria paga, com indicação do mês de publicação, deverão ser remetidas com 2 meses de antecedência, reservando-se a Revista o direito de rejeitar, sem explicação dos motivos.

O título da revista é de propriedade da OrquidaRIO, tendo sido feito o depósito legal na Biblioteca Nacional, estando, também, registrado no INPI.

Qualquer matéria ou fotografia publicadas, desde que não esteja sujeita a reserva de direito autoral (©) pode ser reproduzida para fins não comerciais, desde que se cite a origem e identifique os autores.

Preços

Filiação e Contribuição anual

Preços em URV	1 ano	2 anos	3 anos
Contribuição de Sócios	19,5	37	55
Sócios novos - filiação	21	38,5	56
Overseas subscriptions rates:	1 year	2 years	3 years
By AIR MAIL, add US\$8.00 per year.	US\$25.00	US\$48.00	US\$68.00

Toda correspondência deve ser dirigida à OrquidaRIO, aos cuidados da Secretaria Geral, rua Visconde de Inhaúma 134/933, 20.091-000, Centro, Rio de Janeiro, RJ. Por telefone (+55212332314), com Helena Eyer, ou Fax (+55212535447).

Composto e diagramado na Guilda do Raio F. Fotolitos: Densicolôr, Rio. Impresso na Companhia Brasileira de Artes Gráficas, Rio. Tudo em maio/junho de 1994, ano da OrchiRIO 94.

78

Textos

Mensagem do Presidente.

OrchiRIO 94, um evento.

GRUSS, Olaf - *Phragmipedium besseae* e
seus híbridosLIMA, LUIS H. *PHALAEENOPSIS*. A

ELEGANTE ORQUÍDEA-BORBOLETA.

EPINARDS, A. DES - HÍBRIDOS, POR
QUE?GOMES FERREIRA, A.B. - *EPIDEN-
DRUM PRESBITERY-LUDGERONIS*. SP.N.

93

Seções

Cultivando...

Pelas Livrarias

Sementeira dos sócios

Créditos de Ilustrações

Capa: Amândio

Pinho Caetano. 4ª. Capa, Francisco Miranda. Nesta página, Carimbo Comemorativo da OrchiRIO 94, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos. Pags. 79 e 81, Beatriz Künning; 80, Ana Lúcia Messias; 83, J.R. Edwards; 85, Olaf Gruss; 85, Norito Hasegawa; 86 e 87, George Vasquez; 87, Tanor Gomes; 88 e 89, Raimundo Mesquita; 90, Álvaro Pessoa; 91, Augusto Burle Gomes Ferreira.

Nossas Capas

As capas deste número tem para nós duas dimensões, uma literal; outra, simbólica e emblemática. Literal, porque circulando em dezembro, a revista traz nas suas capas flores do período por ela coberto. A Capa mostra, em foto do seu produtor, uma excepcional *Laelia purpurata* tipo, aperfeiçoada por Amândio Pinho Caetano, hoje, sem favor, um dos maiores produtores mundiais de espécies da Seção Labiata do gênero *Cattleya* e da Seção *Cattleyode* do gênero *Laelia*. Já a última Capa exibe, em admirável foto de Francisco Miranda, *Laelia milleri*, num dos poucos habitats em que ainda pode ser vista nas serranias de Minas Gerais.

A dimensão simbólica: iniciamos neste número a divulgação intensiva da 15ª Conferência Mundial de Orquídeas, que, como já de todos sabido, vai cumprir-se no Brasil, Rio de Janeiro, de 14 a 24 de setembro de 1996. A logomarca escolhida para aquele evento, que marcará este século orquidófilo no Brasil, não podia deixar de ser inspirada nesta flor, que é a flor nacional do nosso país. A última Capa lembra que a bandeira da preservação das espécies e dos habitats ameaçados está, também, empunhada pela OrquidaRIO. O poeta Carlos Drummond de Andrade, dos maiores do Brasil, mineiro de Itabira do Mato Dentro, muito protestou contra o desaparecimento dos bens da natureza, da orografia aos minérios e paisagens, na sua região em Minas Gerais. O habitat fotografado era dali...



ÍNDICE

Vol.8, nº 4 out./dez. de 1994

ISSN 0103-6750

Orquidário

Comemoremos

O Brasil Orquidófilo está de parabéns!

Creio que a exposição OrchiRIO 94, realizada em setembro passado no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, traduziu em beleza, arte e criatividade, o esforço conjugado de grande parcela dos orquidófilos do Brasil, amadores ou profissionais.

O evento provou que, quando se deixa de lado provincianismos, bairrismos, vaidades e diferenças pessoais em benefício de um objetivo comum, somos capazes de grandes realizações. Certo, sabemos que nem tudo foi perfeito, mas as pequenas sombras não ofuscaram o brilho do evento, expressado na alegria e na admiração do enorme público que aconteceu e que nos obrigou a adiar algumas vezes a hora do encerramento...

Nossos penhorados agradecimentos aos colaboradores, patrocinadores e a todos aqueles que apoiaram a OrchiRIO 94. Gratidão, também, aos irmãos orquidófilos paulistas mineiros, capixabas, paranaenses, gaúchos, peruanos, colombianos, venezuelanos, argentinos, uruguaio, paraguaio, norteamericanos, equatorianos e ao povo carioca, tão sofrido nos tempos que correm, mas tão sensível ao belo.

La dando um até logo e dizendo que estaremos de volta, com flores em 1995 e em 1996, com a 15ª Conferência Mundial de Orquídeas, quando me lembrei que bem mais próximos de nós estão o Natal de Jesus Cristo e as festividades de ingresso num Novo Ano. Assim, em nome da Diretoria, do Conselho Deliberativo e no meu, pessoal, quero transmitir, a todos os nossos sócios, os nossos votos de Paz, prosperidade, bem estar pessoal e, ainda, no sentido de que o ano novo floresça abundantemente para todos.

Hans Frank





Beatriz Künning

O estande da Aranda obteve o primeiro lugar no julgamento da OrquidRIO.

NÃO É FÁCIL FALAR DE UM EVENTO de que fomos partícipes na qualidade de organizador e coordenador geral. Falta-nos o distanciamento indispensável a uma avaliação isenta e, do mesmo modo, parece-me impossível ser imparcial. Mesmo identificando falhas e deficiências, pelo fato de sabermos quais os motivos determinantes desses defeitos, a nossa tendência é justificá-los e, até mesmo, relevá-los.

A pesar disso, parece-me útil prestar um depoimento sobre esse evento, que quisemos grande para que anunciasse a próxima 15^a. Conferência Mundial de Orquídeas, que, como todos já sabem, se realizará aqui no Rio de Janeiro em setembro de 1996. Quisemo-lo, outrotanto, grande para que pudesse funcionar como um ensaio geral, que nos preparasse e habilitasse para o evento que todos nós, aqui, desejamos tenha importância e estatura, como exige a relevância orquí-

dófila do nosso país.

Olhando desse ponto de vista, creio que não estaria muito errado dizendo que alcançamos todos os propósitos que nos impusemos quando decidimos realizar a OrchidRIO 94.

Agora que é passada, creio que, sem favor, podemos dizer ter sido, essa, a maior e mais bela exposição que já se produziu no Brasil. É este, pelo menos, o testemunho que vimos recebendo de experientes orquidófilos, frequentadores desses eventos de muitos e muitos anos. Foi, também, a opinião emocionada de milhares de pessoas que a visitaram, muitas repetindo e repetindo muitas vezes.

Nesta exposição, foi possível aferir, como verdadeira, uma afirmativa que me fez, certa vez, um experiente "promoter", quanto a que se intui, se sente "no ar" quando uma mostra deu certo... Foi isto que aconteceu na OrchidRIO 94, que sendo um ensaio, uma experiência para os ajustes que

tivéssemos que fazer com vistas à realização, em 1996, da 15ª Conferência Mundial de Orquídeas, acabou sendo um grande marco.

Um marco, sabe-se, é algo que, entre outras coisas, objetiva rememorar e cultuar um acontecimento, torná-lo um padrão. Estou certo que, depois deste marco-padrão, teremos passado para um outro patamar na orquidofilia brasileira. Esta, dentre as muitas que ela teve, no meu entender, foi a maior virtude desta exposição: consagrou, definitivamente, uma outra forma de visualizar esses eventos.

Esta não foi uma exposição marcada por um só núcleo orquidófilo, mas, decididamente, foi cosmopolita no melhor sentido, não tanto por ter tido a presença de expositores e participantes de outras regiões onde a tradição orquidófila é mais arraigada (no que que pesem algumas defecções que, por incompreensíveis, são de lamentar), mas por ter recebido, além da participação, decidida e decisiva, dos que a apoiaram e dela vieram participar, um grande influxo de entusiasmo e confraternização em torno da flor, esta, sim, a grande personagem do evento.

Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Argentina, Paraguai, Uruguai, Perú, Equador, Venezuela, Colômbia, Estados Unidos da América, estes foram os vetores que fizeram a OrchiRIO 94, a eles os louros e os agradecimentos!

Mas não ficou só nisso o nosso evento, tivemos, ao lado da exposição, também uma miniatura da parte de ciência e estudo que se contém nas Conferências Mundiais de Orquídeas, consistente em um ciclo de palestras, com autores nacionais e estrangeiros. Aqui está lista:

- Robert Fuchs, dos Estados Unidos: "Tendências de criação de *Ascocendas*".
- Peter Furniss, dos Estados Unidos: "A família Orquidófila Mundial".
- Manuel Arias de Silva, do Perú: "O gênero *Phragmipedium* no Perú".
- Gustavo Romero, venezuelano, curador do Herbário do Museu Botânico da Universidade de Harvard nos Estados

Unidos: "As campinas amazônicas da Venezuela".

- Sérgio Englert, do Rio Grande do Sul: "*Cattleya intermedia*, *Laelia purpurata*, *Cattleya leopoldii*. Habitats remanescentes, variedades hortícolas naturais e geneticamente melhoradas."

- Cesar Wenzel, Rio Claro, São Paulo: "Diferenças entre *C. nobilior* e *C. walkeriana*."

- Sérgio A.A. de Oliveira, Rio Claro, São Paulo: "Revisão dos critérios de raridade e perfeição no gênero *Cattleya*".

- Wladislaw Zaslaswski, Espírito Santo: "O estado das Orquídeas no Espírito Santo".

- Prof. Fábio de Barros, Instituto de Botânica, São Paulo: "Posição taxonômica



Ana Lúcia Messias

O estande de Sebastião Nagase, Sérgio Barani e Sumio Nakashima, foi considerado um dos melhores.

do gênero *Loefgrenianthus* Hoehne (Orchidaceae)".

- Giulio Stancato, São Paulo: "Substratos Alternativos, trabalhos no Instituto de Botânica de São Paulo".

- Vitorino Paiva Castro Neto, São Paulo: "O estudo sistemático do gênero *Pabstia*".

- L.C. Menezes, Brasília: "Orquídeas do Planalto Central: *Phragmipedium vittatum*".

- Luciano Zappi, Espírito Santo: "Considerações sobre o *Oncidium zappii* e seu híbrido natural".

- Prof. Pedro Ivo Soares Braga, Minas Gerais: "Orquídeas de campina na Amazônia Central".

- Érico de Freitas Machado, Espírito Santo: "Orquídeas raras que encontrei no

Espírito Santo".

• Carlos Eduardo de Britto Pereira, Rio de Janeiro: "Contribuição dos Naturalistas Europeus na Descoberta e Classificação de orquídeas no Brasil. Ênfase para o gênero *Oncidium*".

• Dr. Guido Braem, Alemanha: "Uma revisão do gênero *Paphiopedilum*".

Todo julgamento de plantas é fonte de problemas, a não ser com a adoção de sistemas de julgamento como o da AOS, por exemplo, extremamente impessoais e objetivos, em que as margens de erro ou de parcialismo ficam reduzidas a mínimos desprezíveis. Ou, então, quando uma planta desponta com qualidade tão superior que em torno dela se forma unanimidade que nem chega a surpreender. Foi o caso deste ano, com a campeã da OrchiRIO 94 (premiada, também, como melhor espécie brasileira), uma soberba *Cattleya schilleriana*, de Wla-

dislaw Zaslawski: venceu sem contestações. Mas, outra coisa que impressionou muito favoravelmente aos que estiveram presentes, foi a profusão e a qualidade média das flores, pois quase não havia as mediocridades que são inevitáveis em qualquer exposição.

Falando em qualidade de flores, isto me leva a um outro tema que foi e tem sido objeto de preocupações, já que a 15ª Conferência Mundial de Orquídeas ocorrerá também na segunda quinzena de setembro: a época da exposição. Motivo das preocupações: a alegada falta de grandes espécies brasileiras nesse comecinho da Primavera. Nisso também a OrchiRIO não fugiu à regra das exposições não especializadas num grande gênero e espécie, como é o caso das exposições anuais, no

Recife, com *C. labiata*, em Belo Horizonte, com *C. walkeriana*, em Vitória com *C. warneri*, ou Santa Catarina e Rio Grande do Sul, com *Laelia purpurata* e assim por diante. Os cultores de certos gêneros e espécies, não admitem outra data que não a da floração plena das suas grandes paixões, pois em orquidofilia tudo é emoção... Também nisso a OrchiRio foi um êxito: tivemos alguns grandes exemplares de *C. intermedia*, que, aliás, arrancaram alguns lauréis dos juizes da AOS, que, aqui, fizeram um AOS Regional Judging, *C. loddigesii*, *C. schilleriana* (ex., a planta



O estande da Florália, premiado com o AOS Trophy, foi concebido por Siegwald Odebrecht.

Beatriz Kümming

campeã), *C. amethystoglossa*, *C. aclandiae*, muitas *Laelias* rupícolas, *Oncidium*, *Epidendrums*, etc., em grande profusão.

Tendo a orquídea como tema, tivemos, ainda, ainda mostras de filatelia, exibindo a coleção de selos de José Evair Soares de Sá, detentor de uma das mais importantes coleções mundiais na sua categoria e que costuma dizer que, como as suas condições de vida não lhe permitem cultivar as plantas, ele as "cultiva" nos selos... Falando nisso, aliás, é de rememorar que tivemos lançado pelos Correios um carimbo postal comemorativo do evento.

Tivemos, também, mostras de pintura, cerâmica e porcelana, como, ainda, de livros dedicados ao tema, sendo destaque o lançamento, durante a OrchiRIO 94, de três importantes publicações: "*Cattleya*

warneri", de Lou C. Menezes, editado, na França. Um outro, de R.C. Warren e David Miller, com um recenseamento da flora orquídea num trecho preservado da Mata de Atlântica, na região conhecida como Macaé de Cima, no município de Nova Friburgo, no estado do Rio de Janeiro. O terceiro é um album das melhores fotografias sobre orquídeas de Adhemar Manarini.

Alguns números da OrchiRio 94:

Áreas destinadas à Exposição e às vendas: 2500m².

Participantes inscritos: 541.

Público que visitou o evento: 13.595 pessoas.

Número de Expositores com estandes individuais: 43.

Número global de expositores: 68.

Recebemos, outrossim, alguns importantes visitantes, pessoas-chaves no cenário orquidófilo internacional, inclusive por integrarem a cúpula da organização mundial que administra a realização das Conferências Mundiais de Orquídeas.

Estiveram entre nós, como palestrantes ou participantes, Peter Furniss, Trustee da WOC e próximo Presidente da American Orchid Society, Donald Herman, atual Presidente, Donna Craig, que, também, presidiu a AOS. Tivemos, ainda, a presença de Joyce Stewart, autoridade em orquídeas, mundialmente reconhecida, que integra os quadros dos Botanical Gardens, Kew, da Inglaterra e que, aqui, esteve, também, representando o Hon. Alasdair Morrison, Chairman do Trust das WOC e que, por razões pessoais imperiosas não pode estar conosco nesta linda festa que foi a OrchiRIO 94.

Foi por tudo isto que me convenci de que a OrchiRio 94 foi um bom ensaio para a 15^a Conferência Mundial de Orquídeas e que, além disso, pode e deve continuar, tornando-se um evento regular e permanente, que se incorpore à tradição dos acontecimentos orquidófilos brasileiros e internacionais, como momento particular de encontro fraterno de orquidólogos e orquidófilos.

(*) rua D. Mariana, 73/902
22280-020, Rio de Janeiro, RJ.

Premiações da OrchiRIO 94

Planta Campeã da Exposição: *C. schilleriana*, Cultivador Wladislaw Zaslaswski. Troféu H. Stern Joalheiros.

Melhor Espécie Brasileira: *C. schilleriana*, Cultivador Wladislaw Zaslaswski. Troféu Aranda (prato de porcelana com motivo *C. aelandiae*)

Melhor *Paphiopedilum*: *Paph.* Red Glory 'Sangria', Cultivo Aranda. Troféu Olaf Grüss (Doação Gottfried Lenz):

Melhor *Vandacea*: *Vanda* Ploenchit 'Robert', R.F. Orchids. Troféu Aranda.

Melhor *Masdevallia*: *Masdevallia mendozae*, Cultivo Florália. Troféu Aranda.

Melhor Híbrido de *Cattleya*: *Lc* Cornelia coerulea. Cultivo Orquidário Robert. Troféu doado por Florália, in mem. Rolf Altenburg.

Melhor Híbrido de *Phalaenopsis*: *Phal.* Antartic. Cultivo: Aranda. Troféu doado por Florália, in mem. Siegwald Odebrecht.

Melhor *Dendrobium*: *Dendrobium* Raimundo Mesquita. Cultivador: Sergio Barani. Troféu AOSP.

Melhor Espécie estrangeira: *Aerides lawrenceae*. Cultivador: R.F. Orchids. Troféu OrquidaRIO.

Melhor Estande Comercial: Aranda. Troféu OrchiRIO.

AOS Trophy: Florália.

Melhor Estande Amador: OrquidaRIO. Troféu Marcony Goldenberg.

Melhor Cultivo: *Epidendrum fragrans*, Cultivador Bio-Orchids. Troféu Orquidário Quinta do Lago.

Phragmipedium besseae e seus híbridos.

Olaf Gruss(*)

Trad. Waldemar Scheliga

A descoberta de *Phragmipedium besseae*, em 1991, no Perú, por Elizabeth Besse foi um dos acontecimentos mais marcantes na história dos descobrimentos de orquídeas nos últimos decênios. Elizabeth Besse realizava uma expedição botânica àquele país, juntamente com Joe HALTON e Harry LUTHER para o Mary Selby Botanical Garden, quando, na estrada entre Tarpato e Yurimaguas, deparou com um "sapatinho de vênus" intensamente colorido. A sra. Besse fotografou a planta e preparou exemplares para herbário. Recolheu, também, material para o Selby Garden, de Saratoga, Flórida. Inicialmente pensou ter-se descoberto um novo habitat de *Phragmipedium schlimii*, no prolongamento oriental dos Andes. Grande, porém foi a surpresa quando a planta floriu naquele jardim botânico. O brilhante colorido vermelho das flores não tinha igual em nenhuma outra espécie de "sapatinho de vênus", fosse da América do Sul ou do sudeste asiático. As demais características florais também demonstravam tratar-se de espécie inteiramente nova. Assim, Calaway H. DODSON e Janet KUHN descreveram essa espécie, no AOS Bulletin (nº 50, de 1991, pags. 1308/10), dando-lhe o nome *Phragmipedium besseae*, que homenageia a descobridora. Lamentavelmente, logo em seguida à publicação, iniciou-se uma corrida à cata da nova espécie e, irresponsavelmente, quantidades enormes foram colhidas, subtraindo-as da natureza, a ponto de chegar a considerar-se extinta a espécie na região em que descoberta, no Perú. Felizmente foram encontrados, depois, outros locais de ocorrência, no próprio Perú e, também, no Equador. Além disso, a espécie tem sido reproduzida por sementeira, obtendo-se plantas, até mais robustas para cultivo em estufa. O colorido



J.R. Edwards

Phrag. Mem. Dick Clements 'Red Glow' HCC/AOS.

intenso dessa nova espécie estimulou, também, os cultivadores a tentar cruzamentos com outras espécies do gênero *Phragmipedium*. Depois de, na história da hibridação de "sapatinho de vênus" tanto o gênero *Phragmipedium*, como o *Paphiopedilum* terem merecido quase igual interesse, isto parece ter sido esquecido na virada do século. Raramente encontravam-se híbridos ou espécies à venda e híbridos novos deixaram de ser criados. Devia-se isso, sobretudo, ao fato de serem consideradas plantas de floração incerta e de cultivo difícil. Com a descoberta de *Phragmipedium besseae* desencadeou-se nova onda de hibridações, que se estende, também, às outras espécies do gênero.

Esperava transmitir-se a intensa cor vermelha de *Phragmipedium besseae* às outras espécies do mesmo gênero. O primeiro híbrido conseguido foi o *Phragmipedium Eric Young*, produzido pela Eric Young Foundation, da Ilha de Jersey, registrado em 1991 e apresentado publicamente em exposições na Inglaterra e Alemanha.

Esse cruzamento obtido com *Phragmipedium longifolium*, infelizmente não produziu o desejado colorido vermelho intenso, mas, mesmo assim, agradou pela sugestiva flor, rosada e de longa duração.

As flores desabrocham em sucessão, tal como acontece com as plantas genitoras. São plantas de ótimo crescimento e florescem com regularidade. Cultivando esse híbrido, notou-se a possibilidade de obter flores de colorido mais escuro, fazendo retardar o desenvolvimento da floração pela redução da temperatura ambiente. Consegue-se aumentar o colorido, mas sem atingir a tonalidade original do *Phragmipedium besseae*.

O cruzamento com *Phragmipedium schlimii*, registrado, pouco antes de 1991, por Hilmar DOLL, de Bad Goldesberg (Alemanha), com o nome de *Phragmipedium Hanna Popow*, só foi apresentado oficialmente em 1992. Também nesse caso não se obteve o colorido da planta cruzada, mas um rosado apreciável. Esse cruzamento também se revelou de rápido crescimento, floração regular e, sem dúvida representa um valioso complemento à coleção dos amantes de "sapatinho de vênus". Seu cultivo trouxe excelentes resultados com muitas plantas.

A esperança de conseguir híbridos de colorido bem intenso só se concretizou com o cruzamento de espécies da Seção **Platypetalum**, ou seja: *Phragmipedium sargentianum*, *Phragmipedium lindleyanum* e *Phragmipedium kaieteurum* (ou melhor, *Phragmipedium lindleyanum* var. *kaieteurum*). Assim como em outros cruzamentos ficou demonstrado que essas espécies intensificam o colorido obtido. No *Phragmipedium Memoria Dick Clements*, o cruzamento obtido com *Phragmipedium sargentianum*, sobressai, na maioria dos clones, a coloração forte das flores vermelhas. Resultados semelhantes também mostram os cruzamentos com as duas outras espécies: *Phragmipedium Andean Fire*, com *Phragmipedium lindleyanum* e *Phragmipedium Rosalie Dixler*, com *Phragmipedium kaieteurum*.

Notáveis, também, são os resultados conseguidos com os cruzamentos com *Phragmipedium caricinum*, o *Phragmipedium May Bess*, e com o *Phragmipedium ecuadorensense* (ou melhor, *Phrag-*

mipedium pearcei, var. *ecuadorensense*) o *Phragmipedium Ecua-Bess*. Ambos apresentam flores atraentes. Embora o colorido não seja tão intenso como o da planta paterna, apresentam cor rosada e flores ligeiramente maiores, com pétalas mais largas.

Com grande curiosidade aguardou-se o resultado do cruzamento com *Phragmipedium caudatum*. Esperava-se obter uma flor de colorido rosado e pétalas de comprimento médio. A primeira planta que floriu surpreendeu a maioria dos cultivadores. Ela apresentou três flores e largas pétalas pendentes de colorido bastante forte. Além disso, a planta teve bom desenvolvimento e disposição para florir. O rendimento das sementeiras é promissor e faz jús à esperança de que, em breve, esse híbrido esteja disponível em quantidade suficiente e a preço razoável.

Esperam-se resultados promissores, especialmente do cruzamento com alguns híbridos, particularmente com os híbridos *Phragmipedium Schroederae* e *Phragmipedium Nitidissimum*, que parecem indicados para esse fim. Lamentavelmente o cruzamento com esses híbridos, via de regra, são muito difíceis, porque muitas vezes as sementes são estéreis. Por isso tenta-se atualmente superar tal obstáculo mediante a utilização no cruzamento de espécimes tetraploides de *Phragmipedium besseae*.

No início era grande a importância dada à hibridação nos Estados Unidos. Mas o interesse por esse tipo de cultivo tem-se deslocado, cada vez mais, para a Europa e, assim, foi possível admirar, durante o 10^o Congresso Europeu de Orquídeas, organizado pela Deutsche Orchideen Gesellschaft, em Hannover, um grupo de *Phragmipedium besseae* e o resultado da hibridação, em excelente cultivo, no estande de Franz GLANZ, de Unterwössen.

Finalmente, resumindo, espera-se que, em futuro próximo, os orquidófilos possam encontrar no comércio plantas floríferas, pois os resultados satisfatórios

até agora alcançados permitem prever isto.

Cultivo:

Os híbridos de *Phragmipedium besseae* devem ser tratados da mesma maneira que os de *Paphiopedilum*. Precisam, apenas, de um pouco mais de luz (evitando-se a incidência de sol direto), assim como de regas mais abundantes.

Temperatura: Diurna, 20° C e, noturna, 16° C. Essas plantas robustas também suportam temperaturas de até 30° C e, à noite, até 15° C, durante curto período.

Luz: Muita claridade, mas sem exposição ao sol.

Rega: Moderada, podendo o substrato secar ligeiramente. De qualquer maneira não deve secar totalmente, nem ficar encharcado. Convem colocar o vaso sobre pedregulhos num prato com água, mas sem contato direto

com esta.

Substrato: é necessário um substrato bastante permeável e de boa drenagem para evitar o represamento de água que resultaria no apodrecimento das raízes.

Adubação: moderada.

Arejamento: bastante ar fresco, circulando, é essencial.

Bibliografia

♦ GRÜSS, Olaf - (1992) Südamerikanische Frauenschuhorchideen, in Gartenpraxis 9/92:60ff.

♦ 1993) Primaerhybriden des *Phragmipedium caudatum*, in Die Orchidee 44: 282 ff.

♦ (1994) Ibridi primar del genere *Phragmipedium*, Sezione Himanthopetalum in CAESTIANA 2: 17.

♦ GUM, Arnold - *Phragmipedium besseae*, in AOS Bulletin 61: 1220 ff.

Os híbridos primários de *Phragmipedium besseae*

- x *Phragm. caricinum* = *Phragm.* Mary Besse, R. BRUNNER (L. Hegedus), 1991.
- x *Phragm. caudatum* = *Phragm.* Ruby Slippers, Orchid Zone (Mrs. K. Rinaman), 1993.
- x *Phragm. ecuadorensis* = *Phragm.* Ecua-Bess, Joe KUNISCH (Orchid House), 1991.
- x *Phragm. kaieteurum* = *Phragm.* Rosalie Dixler, J. DIXLER (L. Hegedus), 1993.
- x *Phragm. lindleyanum* = *Phragm.* Andean Fire, L.SCHORDJE (G Clements), 1993.
- x *Phragm. longifolium* = *Phragm.* Eric Young, E. YOUNG O. F., 1991.
- x *Phragm. sargentianum* = *Phragm.* Memoria Dick Clements, J.R.EDWARDS (G. Clements) 1993.
- x *Phragm. schlimii* = *Phragm.* Hanne Popow, DOLL, 1991.

Outro Híbrido de *Phragm. besseae*

- x *Phragm. Calurum* = *Phragm.* Flying Fortress, J.L. FISCHER, 1993



Phragm. Ruby Slipper



Phragm. Eric Young

Olaf Grüss

Norio Hasegawa

(*) In der Au 48.
D-83224 Grassau.
Rep. Federal da Alemanha.

PHALAEENOPSIS

A ELEGANTE ORQUÍDEA-BORBOLETA

PARTE III - O ESTADO DA ARTE

LUIZ HAMILTON LIMA (*)

COMO EM QUASE TODOS OS TIPOS de arte, também as orquídeas estão sujeitas às variações cíclicas de gostos e modismos ao longo do tempo.

Talvez nenhum outro gênero de orquídea tenha progredido tanto, acompanhando a demanda por híbridos mo-



Phal. Taipei Gold

George Vasquez

ernos, nos últimos cinquenta anos, como o gênero dos elegantes '*phalaenopsis*' e '*doritenopsis*'.

Desde a criação do famoso patriarca tetraploide *Phalaenopsis* Doris, do qual falamos no nosso último artigo, o grau de perfeição em formas florais, variedades de cores e profusão na produção de flores, tem dado saltos gigantescos, graças às habilidades e dedicação de hibridadores famosos, como: Hugo Freed, Herb Hager, Amado Vasquez, Maurice Lécoufle e outros.

Os clássicos e eternamente favoritos '*phalaenopsis*' e '*doritenopsis*' brancos já

atingiram um patamar de híbridos quase perfeitos: plantas robustas que produzem magníficas hastes florais, elegantemente recurvadas ou em forma de bouquet, exibindo mais de uma dúzia de flores "brancas de neve", de pétalas largas, excelente substância e textura semelhante ao "pó de diamantes". O tamanho das flores individuais da haste chega atingir quase 16cm de envergadura, como no *Doritaenopsis* White Wonder 'Zuma Giant' FCC/AOS.

Os '*phalaenopsis*' semi-albos, eternos favoritos do gosto brasileiro mais conservador, já se apresentam em formas florais quase tão perfeitas como a dos albos e com contrastantes labelos inteiramente vermelhos rubi, rosa, ou, ainda, amarelos e laranja. *Phalaenopsis* Medinah 'Labios Rojos' BM/JOGA é um belo representante desse grupo.

A classe dos rosa também vem abrindo seu leque de cores, para oferecer flores nos mais variados tons do rosa pastel (*Phalaenopsis* California Glow) ao rosa escuro avermelhado como no híbrido *Phalaenopsis* Gallant Beau 'George Vasquez' HCC/AOS.

Um grupo de *Phalaenopsis* que, nos últimos anos, se tornou a grande vedete em popularidade são os multiflorais miniatura ou de tamanho compacto das plantas adultas. As razões dessa enorme popularidade parecem óbvias: plantas de extremo vigor, tamanho reduzido, apresentando hastes florais múltiplas carregadas



Phal. Takako Shimazu 'Zuma Canyon'

George Vasquez

de flores vistosas nos mais variados tons de rosa, branco, pintalgadas ou com veações em rosa escuro. *Phalaenopsis* Zuma Pixie 'Two Tone', ilustra muito bem essa linha de cruzamento, utilizando *Phalaenopsis equestris* como matriz.

Na Europa, principalmente na França, vem se desenvolvendo uma linha belíssima e muito popular de *Phalaenopsis*: são os pintalgados brancos e os pintalgados em vários tons de rosa pastel. *Phalaenopsis* Rousserole é um magnífico híbrido francês nessa última categoria.

Para os orquidófilos apreciadores de plantas com flores mais exóticas, os hibridadores de vanguarda, principalmente na América, tem sido ágeis em criar híbridos amarelos, laranja e, mais lentamente, devido às dificuldades genéticas de hereditariedade, os tão esperados '*phalaenopsis*' vermelhos.

Para a criação de '*phalaenopsis*' com flores amarelas e em tons avermelhados tem sido usadas as espécies *Phalaenopsis venosa*, *Phalaenopsis amboinensis* e *Phalaenopsis violacea* em hibridações seletivas sucessivas. Os resultados podem ser espetaculares como demonstram os híbridos: amarelo puro *Phalaenopsis* ZC414 (ainda não registrado) Zuma Canyon, HCC/AOS; vermelho tomate (*Phal. venosa* x *Phal. Ida Fukumura*) e vermelho sangue cintilante (*Phal. Ember*

'Zuma's Diablito' AM/AOS), todos criação de Zuma Canyon Orchids da Califórnia.

Como pudemos ver, através deste e dos artigos anteriores sobre este gênero tão elegante e recompensador de orquídeas para jardins tropicais estufas e principalmente para interiores os horizontes dos *Phalaenopsis* e *Doritaenopsis*, híbridos, deixaram de ser "brancos com as nuvens" para serem tingidos maravilhosamente pela aquarela colorida de "gênios" orquidófilos, que contribuem com seu talento, produzindo formas florais e cores nunca antes imaginadas.



Tanor Gomes

Doritaenopsis (*Phal.* Golden Bouddha x *Dtps.* Zuma White Puff) 'Tropicano'

(^o) Rua Vitório Penelupi 284
12242-150 - São José dos Campos SP

Híbridos, por que?

Parte II - As irmãs e primas.

Antoine des Épinards (*)

Trad. Raimundo Mesquita

NO TEXTO ANTERIOR, PROCURAMOS identificar algumas das forças motrizes que impulsionam os hibridadores comerciais a, cada vez mais, produzirem híbridos. Neste, tentaremos identificar as motivações dos outros segmentos que compõem o painel de personagens que fazem a Comedia dell' Arte Orquidófila, tal como se pode dividi-la: comerciantes, preservacionistas e colecionadores amadores...

Parece-me, contudo, que, antes de continuar, seria útil fazer uma pequena pausa para falar de 10 irmãs e de umas tantas primas, ou seja, do patrimônio genético comum, encontrado na grande maioria dos híbridos hoje existentes. O que vamos dizer parece válido para todo tipo de híbridos, salvo as exceções de praxe (como os híbridos de linhas diferentes e/ou incomuns).

Tome-se o gênero *Cattleya*, por exemplo. O que vamos encontrar na origem da quase totalidade de determinado tipo de híbrido? *Cattleya dowiana* (que, por causa da sua cor, está praticamente presente em tudo), *gaskelliana*, *labiata*, *luddemania*, *mossiae*, *schroderae*, *trianaei*, *warneri*, *warscewiczii* e *mendelii*.

Quando tomamos um híbrido qualquer, de *Cattleya* de flores grandes, dependendo do número de gerações, vamos, sempre, encontrar duas, três e, por vezes, todas as irmãs presentes em, pelo menos, uma geração. Pode parecer, até mesmo, a pessoas menos avisadas, que os hibridadores se comprazem em misturar genes dessas 10 plantas e, a pesar disso, sempre conseguem resultados dispare: a diferença está, com certeza nas matrizes usadas (sobretudo sabendo-se, como se



Blc. Don de Michaels

Raimundo Mesquita

sabe, da instabilidade genética de espécies da Seção Labiata) e nos percentuais de participação de cada uma delas na formação das gerações de híbridos. Tome-se, como exemplo, dois híbridos feitos no Brasil e outros dois feitos nos Estados Unidos: *Bc. Pastoral* e sua descendente, curiosamente nem alba, nem semi-alba, *Bc. Turandot*⁽¹⁾, de um lado, e do outro, *Blc. Don de Michaels* e *Potinara William Farrell*.

A composição das quatro:

Espécies usadas em *Bc. Pastoral*

Espécie	Gênero	Ovário	Polen
<i>dygbiana</i>	<i>Brassavola</i>	1	0
<i>dowiana</i>	<i>Cattleya</i>	2	0
<i>gaskelliana</i>	<i>Cattleya</i>	1	1
<i>labiata</i>	<i>Cattleya</i>	0	1
<i>mossiae</i>	<i>Cattleya</i>	1	1
<i> trianaei</i>	<i>Cattleya</i>	0	2
<i>warneri</i>	<i>Cattleya</i>	0	1
<i>warscewiczii</i>	<i>Cattleya</i>	0	1

Bc. Turandot

Espécies	Gênero	Ovário	Polen
<i>digbyana</i>	<i>Brassavola</i>	1	0
<i>dowiana</i>	<i>Cattleya</i>	2	0
<i>gaskelliana</i>	<i>Cattleya</i>	3	0
<i>labiata</i>	<i>Cattleya</i>	0	1
<i>mossiae</i>	<i>Cattleya</i>	1	4
<i> trianaei</i>	<i>Cattleya</i>	0	3
<i>warneri</i>	<i>Cattleya</i>	0	1
<i>warscewiczii</i>	<i>Cattleya</i>	0	1

Blc. Don de Michaels

Espécie	Gênero	Ovário	Polen
<i>digbyana</i>	<i>Brassavola</i>	1	0
<i>dowiana</i>	<i>Cattleya</i>	5	0
<i>labiata</i>	<i>Cattleya</i>	0	2
<i>luddem.</i>	<i>Cattleya</i>	0	2
<i>mossiae</i>	<i>Cattleya</i>	0	2
<i>schilleriana</i>	<i>Cattleya</i>	1	3
<i> trianaei</i>	<i>Cattleya</i>	1	0
<i>warneri</i>	<i>Cattleya</i>	1	0
<i>warscewiczii</i>	<i>Cattleya</i>	2	4
<i>pumila</i>	<i>Laelia</i>	0	4

Potinara William Farrell

Espécie	Gênero	Ovário	Polen
<i>digbyana</i>	<i>Brassavola</i>	1	0
<i>dowiana</i>	<i>Cattleya</i>	6	2
<i>gaskelliana</i>	<i>Cattleya</i>	5	2
<i>labiata</i>	<i>Cattleya</i>	1	3
<i>ludem.</i>	<i>Cattleya</i>	1	1
<i>mossiae</i>	<i>Cattleya</i>	1	7
<i>schroderae</i>	<i>Cattleya</i>	2	0
<i> trianaei</i>	<i>Cattleya</i>	0	5
<i>warneri</i>	<i>Cattleya</i>	1	2
<i>warscewic.</i>	<i>Cattleya</i>	2	3
<i>cinnabarina</i>	<i>Laelia</i>	1	2
<i>purpurata</i>	<i>Laelia</i>	0	1
<i>tenebrosa</i>	<i>Laelia</i>	0	1
<i>coccinea</i>	<i>Sophr.</i>	0	2

Que ninguém pense que estou pretendendo insinuar que tudo é igual, porque

o patrimônio genético é coincidente e que as variações de cor e forma são só consequência da instabilidade genética de espécies ainda recentes na sua evolução biológica. Seria o mesmo que pretender "esquecer" que as sinfonias não são todas iguais, a pesar de resultarem das, apenas, sete notas da escala musical...

Há, ainda, a considerar a presença das "primas", sendo que, como é fácil de depreender, a mais importante delas, pela sua constância, é a *Rhyncolaelia dygbiana*, responsável pelos admiráveis labelos franjados que ostentam as flores que estamos analisando. A inclusão, em determinados pontos da cadeia de cruzamentos, de espécimes de gêneros aliados, como é o caso do uso de determinadas *Laelias*, cor-



Potinara William Farrell 'Amigo'

Raimundo Mesquita

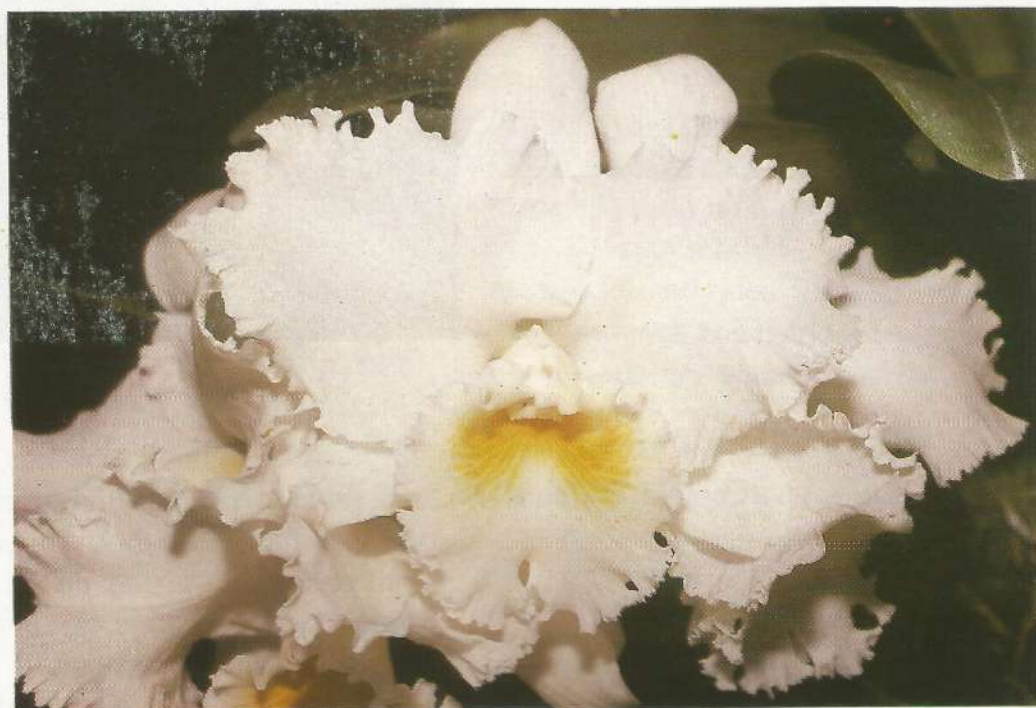
responde a alguns propósitos do criador: cor, porte, tamanho de haste, etc. Tome-se, por exemplo, o uso da *L. cinnabarina*, que tem o objetivo nítido de introduzir um pouco mais de amarelo, que interagindo sobre as cores anteriormente já alcançadas, leva não ao surgimento de uma cor tendente ao amarelo ou laranja, mas a uma intensificação das cores existentes, tornando-as mais brilhantes, embora, aqui e ali, surjam, como pode ser visto na Potinara William Farrel, cores muito claras, pendendo a marfim amarelado. Por igual, a presença de *Sophrontitis* corresponde, indiscutivelmente, à finalidade de trazer um pouco mais de vermelho (costuma dizer-se que a introdução deste gênero objetiva, também, conter o porte da planta resultante,

o que é verdadeiro, mas, aqui, com uma participação tão pequena - apenas duas vezes em cadeia tão extensa - não creio tenha sido aquele o objetivo.

Feita a incursão anterior, que se fazia necessária para os propósitos deste texto, voltemos à segunda categoria daqueles que propugnam pela disseminação do interesse por híbridos: as sociedades orquidófilas e entidades preservacionistas.

São muito nítidas as motivações, no primeiro caso, das sociedades orquidófilas. A variedade de interesses florísticos dos seus associados faz com que não possa existir predominância ou exclusividade de um determinado gênero ou espécie, a não ser nos casos em que a sociedade é especializada num determinado gênero, como são os casos das associações internacionais

dedicadas a *Phalaenopsis*, *Pleurothallis*, *Odontoglossum*, para exemplificar. Por outro lado, o crescente engajamento das sociedades orquidófilas na luta pela preservação das espécies ameaçadas de extinção, faz com que elas se identifiquem com o segundo grupo desta categoria de defensores de híbridos, os preservacionistas. Valem-se do processo de hibridação como instrumento de defesa das espécies. Um dos argumentos mais utilizados é o de que a natureza não precisa ser mais agredida, eis que já se possuem espécies de muito melhor padrão em cultivo, melhoradas pelas intervenções genéticas aperfeiçoadoras e que essas espécies produzem híbridos de muito superior qualidade.



Bc. Pastoral alba

Álvaro Pessoa

(*) Ainda recentemente Ned Nash escrevia, a propósito de *Cattleyas* rosa, que "a intenção era obter albos, não rosas. Infelizmente, os quase brancos até então obtidos não produziram brancos puros." (AOS Bulletin, no.10, vol 63, outubro de 1994, pag. 1124).

150, Rue des Aulnes,
Pointe-a-Pitre
Guadeloupe

Epidendrum presbyteri ludgeronis Gomes Ferreira. Sp.n.

Augusto Burle Gomes Ferreira^(*)

EM JANEIRO DE 1991, EM COMPANHIA do Pe. Ludgero SCJ, do Dr. Carlos Eduardo Melo e Silva e do Dr. Ismael José Cantinho Gouveia, rumamos para a Fazenda Riachão, de propriedade do Sr. Frederico Maia Filho, no município de Quebrangulo (Alagoas), com o fito de conhecermos a Reserva Biológica de Pedra Talhada e, nela, localizar, com exatidão, o endemismo da *Cattleya guttata* de Pernambuco, intento que, aliás, não foi alcançado. A citada Reserva fica bem na divisa dos estados de Pernambuco e Alagoas, nos limites entre o Agreste e o Sertão⁽¹⁾.

Com permissão para estudarem as orquídeas da Reserva, dada pela Associação Nordestina para a Proteção do Meio Ambiente e pelos proprietários das terras em que se localiza dita Reserva, os Drs. Carlos Eduardo e Ismael, acompanhados pelo Senhor Manuel Tomaz Tenório Camboim, proprietário de uma das fazendas e orquidófilo, empreenderam

a travessia no sentido leste-oeste, por trás da Fazenda Riachão, verificando a ocorrência dos seguintes gêneros e espécies: *Vanilla* sp., *Polystachya* sp. (possivelmente a *concreta* (Jacq.) Garay & Sweet), *Encyclia longifolia* (Barb. Rodr.) Schltr. e *holandiae* L. C. Menezes, *Isochilus linearis* (Jacq.) R.Br., *Scaephyglottis sickii* Pabst, *Physosiphon* sp., *Catasetum macrocarpum* L. C. Rich., *Cyrtopodium paranaense* Schltr., var.

pickelii Hoehne, *Dichaea* sp. *Gomesa barberii* (Hook.) Regel, *Oncidium barbatum*, Ldl., *Thricocentrum cornucopiae* Poepp & Endl., *Neollemania difformis* (Jacq.) Pabst, *Stellis* sp. (as suas folhas atingem a altura máxima de 1 cm, a floração é sucessiva, as flores são verdes, com menos de 1 mm de diâmetro; não consegui examiná-las), *Sanderella* sp. (possivelmente uma espécie nova; pelo exame do calo pude constatar não se tratar das duas descritas para o Brasil, mas, lamentavelmente, a planta morreu antes de melhores estudos) e este *Epidendrum* que, agora, descrevo.



Epidendrum presbyteri ludgeronis Gomes Ferreira

Augusto Burle Gomes Ferreira

Cheguei a tomá-lo como *E. nocturnum*, pelas suas partes vegetativas. Mas, ao florir em cultivo, despertou minha atenção, pois, ao quarto dia de florida, a sua coluna ficou vermelha. Resolvi, então, melhor examiná-lo e pude verificar que as duas carinas do labelo se

punham como prolongamento dos lobos laterais, o que não ocorre em qualquer outro da Aliança (ver, adiante, figuras 1e 2).

Descrição

Herba epiphytica; radicibus albidis 2-3 mm diamet.; rhizomate valde abbreviato; pseudobulbis hastiformibus usque ad 220 mm, rotundis in initio, obtectis a bracteis, et compressis in remanentibus, obtectis a vaginis foliformibus; foliis lanceolatis ca. 130 mm x 30 mm, fortiter

imbricatis, signatis ab albo nervo in centro et multis micro-nervis perceptis in ambis faciebus; hasta florale rotunda oblecta a bracteis, in totum recondita in ultima vagina folii; pedunculo florale ca. 25 mm; ovario ca. 50 mm cum sectione rotunda suaviter triangulare; sepalis spathulatis valde acuminatis, viridibus, cum umbra rubra in facie opposita ca. 45 mm x 6 mm; petalis spathiformibus viridibus claris ca. 45 mm x 3 mm; labelle trilobato in forma propria "Alliance nocturnum" albida, lobis late-ralibus triangularibus obtusis 8 mm x 16 mm, lobo medio spathiforme ca. 33 mm x 2 mm, bicarinato in introitu loborum lateralium sugerens continuationem eorum esse; columna viride cum forte pigmento rubro post ruptum florem in quarto die, suaviter arcuata cum rostello erecto et albido. Multi flores sunt cleistogamica.

Habitat

Brasil, Alagoas, Quebrangulo, in silva cum paludibus altis. Leg. Carlos Eduardo Melo e Silva et Ismael José Cantinho Gouveia, jan. 1991. Holotypus, Herbarium UFP, n°9657.

Etimologia

O nome da espécie foi dado em homenagem ao Padre Ludgero SCJ, que, por muitos anos, foi o pároco da região e, nela, descobriu a beleza das orquídeas.

Agradecimento

Fico grato ao Prof. Antonio Neto das Neves, do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Pernambuco, pela

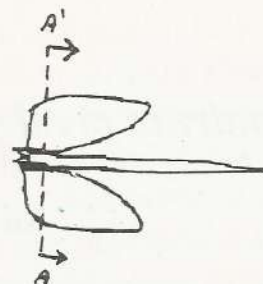


Fig. 1

m.m.

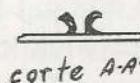


Fig. 2

versão latina.

Augusto Burle Gomes Ferreira
Rua do Paissandú 678/902 - Derby
52010-000 - Recife, PE.

(1) No Nordeste, o Sertão é caracterizado como zona de escasso povoamento, integrando região conhecida como semi-árido, mais seca do que a da caatinga. Já o Agreste é a zona fitogeográfica que se situa entre a chamada zona da mata e o sertão, com solo pedregoso, vegetação escassa e de pequeno porte.(N.E.)

Orquidário Warneri,

de Olga e Tibério

Especializado em plantas de Minas e Espírito Santo. Seedlings de *Phalaenopsis* e *Cataseium*. Produtos para cultivo. Adubos, nacionais e importados: Yogen, Peter's, Plant Prod. Defensivos. Adornos: broches, brincos e chaveiros com motivos de orquídeas.

Rua Vicentina de Souza, 469
31030-240 - Belo Horizonte, MG.
Tel.: (031) 461 0860



Cattleya warneri. L. C. Menezes et alii. 128 páginas. Ed.: Naturalia Publications, Turriers, France. 1994

Lançado durante a OrchíRIO 94, este é mais um livro de referência para ter e guardar como de muita utilidade sob diversos aspectos.

O texto, escrito em colaboração com Dr. Guido Braem (responsável pelos capítulos sobre "William Cattley e o gênero *Cattleya*"; "Nomenclatura", em colaboração com a autora; "Sobre a literatura referente à *Cattleya warneri*", com Dr. Jack Fowlie Sr.); e Denis Duveen (este com uma nota bibliográfica sobre Robert Warner), trata, além dos temas já referidos, de autoria ou coautoria dos colaboradores, de distribuição geográfica, parâmetros e definições sobre as variedades horticulturais da *Cattleya warneri* T. Moore; oferece algumas observações sobre os taxa

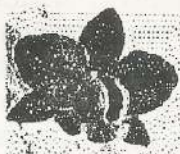
ilustrados e, mais, notas sobre habitats, sobre as espécies associadas, como, ainda, sobre cultivo, pragas e doenças.

Como se pode ver, pela extensão dos assuntos tratados e pela participação de colaboradores, estes cuidando de temas específicos, a obra perde um pouco em organicidade, o que, sem embargo, não reduz o seu interesse.

O aparato gráfico é de muito boa qualidade, com uma grande quantidade de ilustrações de mérito, sobretudo as fotografias de flores.

Um senão que merece reparos é o relativo à editoração e revisão tipográfica. Composta e impressa na França a edição em português apresenta alguns erros que, embora não comprometam a compreensão dos textos, desmerecem edição tão cuidada. A posição do hífen na linha, aliás, que, como sabido pelos que trabalham em editoria, é uma das grandes armadilhas da editoração eletrônica, é um dos mais constantes defeitos do livro, que deseja-se tenha muito sucesso e seja aprimorado, pelas correções devidas, em edições futuras.

E uma observação final: o livro é prefaciado pelo Presidente da República, Itamar Franco.



Iniciamos, neste espaço, uma nova seção, que esperamos seja de bastante utilidade para nossos sócios. Aqui se dará notícia de temas de cultivo, novidades, dicas, sucessos e insucessos, sempre em textos concisos e objetivos.

Cultivando..

Um ovo de Colombo...

Para quem gosta de cultivar plantas montadas em placas, toros, etc...vale a pena ler o seguinte texto do nosso Presidente,

Hans Frank: "Graças à sua inteligência, curiosidade e ao espírito de investigação, o homem chegou a altíssimos níveis de conhecimento científico e tecnológico de que a humanidade desfruta nos dias de hoje.

O paradoxo é que esse mesmo homem, que pesquisa, investiga, desce aos mínimos detalhes do mundo micro e vislumbra a abrangência do macro não consiga, às vezes, enxergar a um palmo do próprio nariz, deixando-se levar por tendência preguiçosa de manter o statu quo e acomodar-se, o que, não raras vezes, condenou a humanidade a anos de escuridão.

Para entender isto, basta lembrar as ridicularizações, perseguições e ameaças que sofreram alguns homens que estiveram à frente de seu tempo, como Copérnico (ao defender o heliocentrismo, contra o

geocentrismo de Ptolomeu), Pasteur (quando repudiou a geração espontânea), Darwin (quando lançou a "Origem das Espécies"): teorias ferozmente combatidas pelos "doutos" da época e, hoje, óbvias aos olhos de qualquer colegial.

Pois bem, creio que coisas assim continuam a acontecer; continuamos favorecendo a escuridão quando nos acomodamos aos ensinamentos dos que nos antecederam, sem questionar, aceitando-os, simplesmente, de forma passiva e não investigatória. Vejamos, pois:

Cultivando orquídeas desde os 15 anos de idade, sempre fui apaixonado por caminhadas ecológicas e, assim, tive oportunidade de conhecer vários habitats, por todo o Brasil. E fui, no melhor estilo mineiro, observando. Dei-me conta de que, raramente, encontrava plantas que vegetassem no plano vertical dos troncos das árvores ou das rochas. Em sua quase totalidade, exceto alguns "seedlings", as *Laelias*, *Cattleyas*, *Oncidiums*, *Gomesas*, etc., vivem em superfícies inclinadas ou na horizontal, nos galhos das árvores ou platôs rochosos.

Após essas observações, comecei a comparar as plantas que cultivo em meu ripado, assim como as de vários colegas e de orquidários comerciais. Vi dezenas de *Laelias*, *Sophronitis*, *Oncidiums* e, até, *Catasetums* pendurados em placas ou palitos de xaxim e em toros de madeira, sempre na posição vertical, excetuando-se, é lógico, o que estava plantado em vasos.

Comparando, atentamente, o comportamento das plantas que vegetam em sua posição original (horizontal ou inclinada), com o das plantas que estão sendo cultivadas na vertical, cheguei às seguintes conclusões:

A - Posição natural

1 Os pseudobulbos são equidistantes no rizoma, permitindo a passagem livre de luz, ar, umidade, e de partículas por toda a extensão da planta, proporcionando o mesmo desenvolvimento em todos os pseudobulbos.

2 As gemas que irão eclodir nas novas frentes estão livres e desbrocham sem obstáculos.

3 A planta cresce "espalhada" sobre a superfície, sem compactação dos pseudobulbos, impedindo, com isto, o acúmulo de detritos e de umidade (que propiciam o surgimento de fungos e pragas).

B - Posição vertical

1 Os pseudobulbos são orientados, pela luz, a crescerem na vertical, ou seja, paralelamente à placa, dificultando a aeração, a penetração da luz. Os adubos

escorrem pela superfície.

2 As novas gemas que irão eclodir estão entre os pseudobulbos e a placa, encontrando grande dificuldade para desbrocharem.

3 Há uma tendência da planta a se distanciar da superfície vertical, com formação de pseudobulbos distorcidos e raízes aéreas. Gradativamente, os pseudobulbos vão se tornando menos desenvolvidos. Falta luz, umidade e alimento.

Não sei se estas notas poderão servir para alguém, mas, de minha parte, posso garantir que, desde que passei a cultivar minhas plantas em planos inclinados, seguindo a mãe natureza, elas se tornaram mais saudáveis. Creio ter encontrado um "ovo de Colombo".

Hans Frank

Seriam as Cochonilhas imortais?

Por vezes cheguei a acreditar que seria impossível derrotá-las. Que longas e duras pelejas, escova na mão (por vezes só uma faquinha conseguia arrancar as malfadadas), limpando aquelas carapaças, tome inseticida, para logo em seguida... tudo de novo.

Aí começaram a aparecer os bizus - já tentou fazer uma infusão com fumo e álcool? As plantas ficaram tristes, meus dedos com mal cheiro e as danadas das cochonilhas (que deviam ser tabagistas militantes) continuavam faceiras.

Como os tratamentos alternativos fracassaram, tentei um ortodoxo inseticida sistêmico. Químico por profissão, os cuidados para manusear tais defensivos eram estressantes, envolvendo luvas, máscara e guarda-pó. O cheiro quase provocou divórcio e os resultados, infelizmente, não corresponderam ao sacrifício, aparentemente algumas cochonilhas ficavam depositadas em uma sobrecamada que as protegia. Logo, logo a planta estava marrom de novo.

O desespero já chegava as raias da loucura, tenho uma *Cattleya eldorado* que deve ter um gostinho especial, eternamente coberta por um manto de cochonilhas. Mesmo depois de raspadas, manchas brancas se encarregavam de manter presente a lembrança da praga.

Foi então que conversando com colegas (trabalho no Centro de Pesquisas da PETROBRÁS) da Divisão de Produtos que obtive a sugestão de usar óleo mineral

de pulverização, que me garantiram vinham obtendo sucesso no cultivo de laranjas. As primeiras experiências não surtiram os resultados desejados, a reinfestação foi inevitável. Acredito que os ovos não foram destruídos. No entanto uma combinação do óleo com inseticida...

Antes de apresentar a formulação quero fazer alguns comentários gerais sobre a utilização de defensivos, uma vez que muita gente os usa sem ter tido jamais orientação adequada:

Inseticidas e fungicidas são biocidas, ou seja, não existem defensivos inócuos, todos são agressivos a pessoas humanas. Inalação, contato com a pele ou sangue (em pequenos cortes) podem causar problemas respiratórios, alergias, distúrbios no sistema nervoso central, irritações hepáticas e câncer. Intoxicações agudas podem causar morte súbita.

Cuidados especiais devem ser tomados quando o produto for "faixa vermelha" ou seja altamente tóxico. Procure assistência de um químico ou de um agrônomo. Meu conselho é simplesmente não usá-los.

Agrotóxicos devem ser usados nas concentrações indicadas pelos fabricantes. Dosagens um pouco acima podem ser toleráveis, mas teores inferiores são completamente contra-indicadas. Já ouvi muita gente afirmar que aplica doses "homeopáticas" cada vez que irriga suas plantas. Quem faz isto, pode ter certeza que pratica uma rematada asneira. Em níveis abaixo do recomendado os inseticidas e fungicidas são ineficientes, não matando qualquer praga, ao contrário, a exposição crônica de insetos e fungos a estes produtos provoca reação de resistência, ou seja seus organismos "aprendem" tolerar os princípios ativos, de tal forma que, mesmo aumentando a concentração, os venenos pouco conseguem com as infestações.

Só use inseticidas quando e onde

Dicas de cultivo

Acomodando pequenos vasos.

Arrumar vasos pequenos na bancada é sempre um problema. Geralmente eles tem o fundo menor do que a borda, pouco peso e, além disso, como a planta sempre cresce na direção de um dos lados, têm a tendência de virar para esse lado e cair. Boa solução é usar caixotes, de madeira, desses usados para embalar frutas, ou então, melhor ainda, bandejas de plástico próprias para guardar talheres. Os vasos pequenos são arrumados dentro desses recipientes, que, por sua vez, são colocados na bancada, ou então pendurados, presos por "suspensórios", de quatro arames.

Errata

O nosso colaborador Giulio C. Stancato, solicita a publicação da seguinte errata ao texto publicado no Vol. 8, nº 1, pags.69-71: "No quadro 1 (pag71), sexta linha, peso da matéria seca (mg) de raízes, onde se lê 49,5, leia-se 0 (zero)".

precisar. A utilização profilática pode causar problemas como os mencionados no parágrafo anterior, além de intoxicar, desnecessariamente, suas plantas. Orquidários comerciais costumam fazer pulverizações preventivas, já que não podem se dar ao luxo de sofrer epidemias, mas os usuários amadores devem evitar tal prática.

Nunca use produtos com data de validade vencida. Seria perda de tempo.

Cuidado com inseticidas sistêmicos, a facilidade que eles tem de circular pela seiva se reproduz na corrente sanguínea.

Evite aplicar produtos químicos em suas plantas quando elas forem ficar expostas ao sol em seguida, a probabilidade de queimaduras é muito grande. Flores respingadas mancharão na certa.

Bem, vamos voltar a mistura mágica (a esta altura eu só acreditava em milagres para me salvar das cochonilhas).

Usando óleo mineral (PETROBRÁS OPPA BR 32) diluído 1% em volume (10 mililitros/1 litro) com Diazinon na proporção sugerida para plantas decorativas (não vou arriscar recomendações, leia a bula), eu faço, preferencialmente, imersão da planta, só pulverizando as que não consigo mergulhar. Repita a aplicação por 3 vezes consecutivas, com um espaço de 15 dias entre cada uma. Caso não consiga Diazinon, Decis também apresenta resultados satisfatórios.

Dois dias depois você já pode (e deve) regar suas plantas. Molhe-as bem. As carapaças simplesmente caem, se você pode acreditar.

Com este tratamento consegui recuperar várias plantas, que simplesmente não voltaram a apresentar recidivas. A *Cattleya eldorado* está feliz, cheia de novas frentes, verdinhas e lípidas.

Espero que todos tenham sucesso em sua guerra contra as pragas. A "Batalha das Cochonilhas", eu ganhei.

Carlos A.A. de Gouveia

Sementeira dos Sócios.

"Prezado Raimundo Mesquita,

Já há alguns dias era para lhe escrever, mas o tempo vai passando e, quando menos esperamos, quase se faz tarde para o que desejamos fazer. Minha intenção é fazer uma ligeira análise sobre a exposição preparatória de setembro p. passado.

Antes de tudo, quero parabenizá-lo e toda equipe da OrquidaRio pelo trabalho e pela Exposição em si. Sei bem e posso avaliar o esforço e o que representa a realização de um espetáculo de tal monta. É boa vontade, entusiasmo e "vontade de fazer".

Como visitante e participante, apenas com o pronunciamento de uma Palestra, tive oportunidade de fazer várias observações e, aqui, desejo, com a experiência dos anos orquidófilos, dar uma pequena colaboração, em ligeiros detalhes que poderão contribuir para maior brilhantismo da Mundial de 1996. É procurar ajudar e não criticar.

a - Julgo ter faltado mais divulgação do Evento. (Para associados da OrquidaRio e público em geral, inclusive no último boletim editado antes da inauguração da Exposição).

a.1 - A empresa de turismo, mais voltada para venda de pacotes, que de evento orquidófilo;

a.2 - falta de facilidade para o visitante, quanto a hotel, orientação do local da Exposição (como chegar lá) e do setor de conferências;

a.3 - no Museu de Arte Moderna, indicativo grande, do local da exposição e setas (várias) apontando os locais de conferências, vendas e, ainda, os banheiros;

a.4 - maior divulgação das palestras, procurando atrair maior público para as mesmas;

a.5 - serviço de taxis, permanente em frente ao MAM, durante a exposição.

b) Julgamento das orquídeas e temas das conferências:

b.1 - o julgamento das orquídeas tem por finalidade básica, escolher as flores de melhor qualidade e apontar aos orquidófilos e público, em geral, as plantas de mais elevado nível. Há, contudo, a necessidade de se incentivar a qualidade e também o cultivo, assim, sugiro dois "tipos" de julgamento:

b.1.1 - julgamento de qualidade da Flor (forma, beleza, conjunto, etc.)

b.1.2 - julgamento do cultivo da planta (vigor físico, conjunto arranjo, etc...)

Pode-se, ainda estabelecer um critério para julgamento de raridade e novidade, incentivando o colecionador a aparecer com plantas diferentes.

OBS.: Escolha das melhores plantas da Exposição

- pela qualidade e pelo cultivo.

O público sempre acha que a "melhor" planta é o que há de realmente melhor, mais caro e mais difícil, em toda a mostra.

b.1.3 - nas Conferências, separar os temas orquidófilos dos orquidólogos.

Embora de utilidade para a orquidofilia, os temas orquidólogos pouco interesse levam aos orquidófilos e colecionadores. Palestras (orquidófilas e orquidólogas) em dias diferentes.

c) Preocupar-se, sempre, em mostrar aos visitantes a Exposição e eventos relacionados com a mesma. Passeios turísticos são de segundo plano, para o orquidófilo.

d) Aproveito para elogiar as atuações:

d.1 - Sua própria (presença quase constante). Supervisão e ajuda imediata.

d.2 - A Secretaria (funcionando perfeitamente. Bom atendimento).

d.3 - A Segurança (Boa, eficiente e sem nenhum senão). OBS. Pessoalmente, ajudou-me à noite, quando necessitei de um taxi, mandando um segurança acompanhar-me até a pista dos carros, distante. Nota: 10.

Com um abraço,
Érico de Freitas Machado
C.P. 01-0841
29001-970 Vitória, ES.
Tel.: (027) 227-6136

Caríssimo Érico,

A publicação da sua carta, na íntegra, se justificava, até para termo-la como referência, entre as outras que recebemos, para correção de erros e, também, introduzir aperfeiçoamentos quando da 15th WOC.

Poderia até tecer algumas considerações, para dizer-lhe que algumas das coisas que você sugere, já vem sendo praticadas, como é o caso da premiação por cultivo (veja pag. 80). Por tudo, obrigado.

Raimundo Mesquita.

A orquídea na Poesia brasileira.

Desta vez, Pedro Moacyr Maia, da Bahia, manda-nos um poema de Carlos Drummond de Andrade, extraído do livro "A Rosa do Povo", e que tem um trecho publicado na quarta Capa, como presente de Natal aos nossos sócios e leitores.

Drummond, como se sabe, era mineiro, de Itabira do Mato Dentro, um dos mananciais mineiros de minério de ferro e de *Laelias rupícolas*...

**"em verde, sozinha,
antieuclidiana
uma orquídea forma-se."**

Carlos Drummond de Andrade

